

## EDITORIAL

Este volume especial da revista *Memorare* apresenta o *Dossiê: Sambaquis*, uma coletânea de artigos acerca destes sítios tão importantes do litoral brasileiro. Trata-se de uma iniciativa deste periódico, que incumbiu os pesquisadores Deisi Scunderlick Eloy de Farias, da UNISUL/Tubarão, e Paulo DeBlasis, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, da tarefa de compilar e editar o volume.

O propósito desta iniciativa é duplo. De um lado, promover a divulgação das pesquisas recentes envolvendo estes sítios litorâneos, boa parte das quais tiveram lugar nesta mesma região sul catarinense, reconhecidamente uma área de fundamental importância para o estudo dos sambaquis e das sociedades que os construíram. De outro lado, buscar a integração dos estudos produzidos aqui com os recentes avanços obtidos também em outras porções da costa atlântica brasileira, de modo a perfilar o estado da arte da arqueologia sambaqueira hoje.

É notável que grandes avanços foram obtidos na arqueologia de sambaquis nos últimos 25 ou 30 anos. Com a implementação de projetos de pesquisa sistemáticos em Santa Catarina, Rio de Janeiro, Maranhão e São Paulo, além de estudos pontuais em outras regiões do extenso litoral brasileiro, uma enorme massa de dados novos vieram à luz, trazendo importantes contribuições para os estudos sambaqueiros. Estas novas informações cobrem um leque amplo de especialidades, extrapolando deveras os tradicionais enfoques tecnológicos, faunísticos e antropométricos.

De fato, um parâmetro que deve ser destacado nestes novos estudos é sua característica fortemente interdisciplinar. Depois de décadas de prática ensimesmada, a arqueologia dos ambientes costeiros recuperou, nestes últimos anos, sua vocação pluridisciplinar, construindo projetos integrados com outras áreas do conhecimento que lhe são afins, muito especialmente a geologia do Quaternário e as ciências biológicas. Mas, sobretudo, cabe destacar a aproximação essencial com as ciências antropológicas, seja pelo viés bioantropológico, seja a partir das perspectivas da arqueologia social, buscando sempre projetar, desde o passado para o presente (*e, ezperons-le*, até o



futuro!), as longas narrativas da história indígena e suas conexões com as comunidades contemporâneas.

Nestas últimas décadas, não poucos paradigmas interpretativos foram desafiados, deixando de lado modelos desgastados e pontos de vista erodidos. De maneira paulatina, mas incontornável, os povos sambaquieiros deixaram de ser vistos como “bandos de caçadores-coletores” de grande mobilidade, baixa demografia e portadores de tecnologias rústicas. A ideia de grupos pequenos e frágeis, sujeitos às vicissitudes do ambiente costeiro – leia-se, especialmente, a distribuição dos bancos de moluscos – não tem mais qualquer sustentação.

Ao contrário, os estudos mais recentes, em especial aqueles desenvolvidos no litoral sul catarinense e na baía de Guanabara – mas também, de maneira menos intensa, em outras regiões – mostram as sociedades sambaquieiras com características bastante sedentárias, padrões demográficos muito acima do que se supunha anteriormente, e estruturas organizacionais longevas, de grande permanência e estabilidade.

Mesmo que aspectos como demografia e estabilidade exibam considerável variação ao longo da costa brasileira e, ademais, demandem estudos mais aprofundados, parece indiscutível o fato de que o quadro que hoje se tem acerca dos sambaquieiros e suas construções monticulares extrapola em muito a velha imagem dos “coletores nômades”, que se manteve vigorosa até o início dos anos 1990, pelo menos. Já não restam dúvidas de que estas sociedades litorâneas exibem padrões de organização social bem mais complexos do que se supunha até então.

Assim, a ideia deste dossiê é trazer um conjunto de artigos que, de alguma maneira, não apenas reflita estes novos avanços, mas também traga um pouco da diversidade de contextos da ocupação humana no litoral brasileiro. Esta diversidade pode se dar em termos cronológicos, como por exemplo a transição entre os sambaquis propriamente ditos e os assim chamados *sambaquis tardios*, no litoral sul catarinense, pondo em evidência as relações destas sociedades com outros povos que vão chegando ao litoral. Mas esta diversidade também exhibe aspectos tipológicos, ou componenciais, como por exemplo a presença de cerâmica nos concheiros do litoral norte/nordeste desde as ocupações mais antigas, no Holoceno médio. Estes sítios evidenciam, também, a grande diversidade regional que pode ser observada ao longo da extensa costa



atlântica brasileira. É justamente, essa grande diversidade que nos leva a falar de sociedades sambaquieiras, no plural.

Os artigos aqui apresentados dão conta, certamente, desta diversidade. Mais ainda, dão conta também da diversidade disciplinar que se impõe na pesquisa dos sambaquis hoje, integrando estudos sedimentológicos, estratigráficos, abordagens voltadas para os processos formativos e construtivos dos *mounds*, bioarqueologia e arqueologia da morte, entre outros enfoques já consagrados, como os estudos tecnológicos, zooarqueologia e as análises de territorialidade e construção social da paisagem costeira.

O artigo de Juliano Bitencourt e equipe, intitulado **Sambaqui Lagoa dos Freitas, Santa Catarina: estratigrafia, antiguidade, arqueofauna, e cultura material**, traz a descrição das escavações realizadas em um sambaqui bastante recente, situado nos terraços arenosos do extremo sul catarinense. Este estudo mostra como diferentes padrões culturais – sambaquieiro, Taquara e Guarani – podem se imbricar nestes sítios litorâneos tardios, fazendo de seu estudo uma tarefa que demanda, sempre, análises contextuais.

André Prous retoma, e atualiza, a discussão sobre os zoólitos, tema que desenvolveu em seu doutorado, nos anos 1970, com o artigo intitulado **As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis do Brasil meridional e do Uruguay**. Estas primorosas esculturas em pedra, tão caracteristicamente sambaquieiras, são discutidas em termos de suas características estilísticas e seu potencial interpretativo, com o rigor e sobriedade habituais que caracterizam o autor.

Sheila Mendonça de Souza nos apresenta uma interessante retrospectiva acerca dos estudos bioantropológicos no Brasil, e suas necessárias relações com a arqueologia, estressando o quão indispensável é esta parceria, desde mesmo as intervenções em campo, com o artigo **Dentes, ossos e suas formas: lições aprendidas sobre os construtores de sambaquis**.

Kneip e Souza Mello, com o artigo **Dinâmica da ocupação da região do camacho, litoral sul de Santa Catarina, a partir de 7500 anos até o presente**, fazem uso da extensiva cronologia obtida para esta região e exploram as fases de expansão e retração da ocupação sambaquieira, mostrando não apenas sua longevidade, mas

também sua dinâmica demográfica e suas relações com a evolução do ambiente costeiro ao longo do Holoceno médio e recente.

Gina Bianchini, Madu Gaspar e Paulo DeBlasis compilam alguns avanços muito recentes, sobretudo em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, chamando a atenção para a complexidade envolvida na interpretação dos contextos deposicionais sambaquieiros, com o artigo **Corpos e Montes: arquitetura da morte e modo de vida dos sambaquieiros**.

Martire, Cardoso, Silva e Partiti, com o artigo intitulado **Ciberarqueologia aplicada a sítios concheiros: o projeto sambaqui interativo**, nos trazem reflexões acerca da forma de apresentar a pesquisa arqueológica principalmente ao público infante juvenil. A Ciberarqueologia, desenvolvida pelo grupo, possibilita que o usuário interaja com um ambiente virtual que apresenta a simulação de um espaço habitado pelos sambaquieiros. Esse projeto injeta uma nova luz sobre a educação patrimonial, mostrando formas diferenciadas e atraentes, principalmente para o público infante juvenil.

Arkley Bandeira apresenta uma síntese de seus estudos dos sambaquis da ilha de São Luis, Maranhão, com o artigo **Os sambaquis na ilha de São Luís – MA: processo de formação, cultura material cerâmica e cronologia**. Seu estudo revela uma sequência bastante longa de ocupação, e considerável variação entre os sítios, inclusive no que se refere à presença de cerâmica nos contextos deposicionais.

Esperamos, assim, ter composto um painel interessante, de modo a oferecer um espectro abrangente das pesquisas mais recentes com sambaquis. Os editores agradecem aos vários autores suas importantes contribuições, e desejam a todos uma ótima leitura!

**Boa leitura!**

**Deisi Scunderlick Eloy de Farias (UNISUL)**

**Paulo DeBlasis (Museu de Arqueologia e etnologia da USP) Organizadores  
do Dossiê**

DOI: 10.19177/memorare.v5e12018153-156